

Multiculturalismo e linguagem: literatura surda, o caminho contrário ao esquecimento

Soares, Raquel Silva

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Soares, R. S. (2006). Multiculturalismo e linguagem: literatura surda, o caminho contrário ao esquecimento. *ETD - Educação Temática Digital*, 7(2), 34-46. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101565>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

MULTICULTURALISMO E LINGUAGEM: LITERATURA SURDA, O CAMINHO CONTRÁRIO AO ESQUECIMENTO.

Raquel Silva Soares

RESUMO:

A partir da concepção de diferença lingüística evidenciarei a importância do respeito e conhecimento da literatura produzida por grupos ou comunidades como forma de expressão social e cultural. A exemplo do conto Cinderela que, ao ser recontada por surdos adultos, universitários, sobrevive com o título de Cinderela Surda. A literatura produzida por surdos usuários da língua de sinais evidencia sua inserção nos contos acrescentando a história de sua educação e a história do nascimento das comunidades surdas. Paralelo traçado na forma como o príncipe surdo aprende língua de sinais através de um professor ouvinte sinalizador e Cinderela (no caso plebéia) apropria-se da língua no contato com surdos.

PALAVRAS-CHAVE:

Multiculturalismo; Linguagem; Literatura surda; Surdez.

MULTICULTURALISM AND LANGUAGE: DEAF LITERATURE, THE PATH AWAY FROM OBLIVION.

ABSTRACT:

Based on the concept of linguistic difference I will focus on the importance of respecting and acknowledging the literature produced by groups or communities as a form of social and cultural expression. As an example, we discuss the fairy tale Cinderella, which turns into Deaf Cinderella when re-told by college educated deaf adults. The literature produced by deaf sign language users clearly shows their input into the stories, by adding the history of their own education and the history of the birth of deaf communities. That parallel can be drawn from the aforementioned story, where the deaf prince learns sign language with the help of a hearing sign language teacher and Cinderella, who is plebeian, acquires sign language through contact with other deaf people.

KEYWORDS:

Multiculturalism; Language; Deaf literature; deafness.

UM LIVRO, MUITAS HISTÓRIAS.

Considerando que a literatura é um conhecimento de extrema importância, apresentá-la às crianças é um modo de instigá-las a ampliarem seus horizontes conscientizando-as da nossa realidade social e apresentando-as à fantasia como meio de expor a esperança nas melhorias da sociedade.

Contudo, será que todos têm acesso a esse delicioso mundo da literatura infantil, juvenil ou adulta? Sabemos que não e conhecemos muitos dos empecilhos. Posso citar a diferença sócio-econômica, o analfabetismo, a falta de tempo para pegarmos um livro na biblioteca pública, enfim, muitos são os argumentos para responder tal questão e tenho certeza que você, caro leitor, está a pensar argumentações para acrescentar a frase.

Todavia, apesar deste ser um assunto que muito nos faz refletir, no momento preocupo-me com as pessoas surdas que tem uma língua diferente da nossa de ouvinte, ou seja, os surdos utilizam a língua de sinais brasileira.

Através desta língua os surdos podem tanto debater sobre assuntos rotineiros como esportes ou notícias quanto compreender textos literários¹.

Sendo a língua de sinais diferente da língua portuguesa, como o surdo poderá entender o texto literário geralmente apresentado de modo clássico utilizando as normas cultas da língua portuguesa² que, por sua vez torna-se favorável ao entendimento de poucos ouvintes?

Um meio de escrita dos sinais recentemente criado, o *Sign Writing*³, é um sistema utilizado para registrar a língua de sinais, seja ela qual for, sem que haja necessidade de ser traduzido para a língua oral.

Sign Writing é um sistema de escrita visual direta de sinais. Ele é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das Línguas de Sinais (i.e., os quiremas ou configurações de mãos, sua orientação e movimentos no espaço e as expressões faciais associadas), do mesmo modo como o *Alfabeto Fonético Internacional* é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas faladas (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001: 55).

O *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue* (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001), foi a primeira produção a apresentar o *Sign Writing* junto à Língua de Sinais Brasileira bem

¹ Para saber mais sobre a gramática da língua de sinais ver QUADROS e KARNOPP, 2004.

² O português utilizado em textos e conversas informais não denota tanto estudo ou utilização de regras pouco conhecidas uma vez que é classificado como técnico ou popular, diferente do português utilizado em obras literárias que pode ser tanto o coloquial quanto o formal.

³ Encontra-se disponível na internet um site na qual existem todos os elementos para se utilizar essa forma de registro. URL <http://www.signwriting.org>

como as regras de sua utilização. Esse sistema pode auxiliar os surdos no âmbito de entendimento da língua portuguesa uma vez que possibilita

(...) ler e escrever sinais da Libras, e empregar esta escrita como ferramenta para o registro e aperfeiçoamento de sua língua, para o desenvolvimento cognitivo de suas crianças na idade de alfabetização, e para o início da edificação da história de sua produção cultural e literária em sua própria língua materna (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001: 57).

O livro *Cinderela Surda*, objeto de meu estudo, traz registrado, além do português, o *Sign Writing* de modo que todos possam ter acesso ao material. Há outros materiais semelhantes ao citado acima, mas como este, são pouco conhecidos.

Ao refletir sobre a literatura para o surdo deparei-me com algumas questões relacionadas aos materiais adaptados para esse grupo. Entendo como pertencentes ao grupo de produções especificado os materiais didático-pedagógicos que podem ser utilizados para melhor realizar o processo de ensino significativo.

Sendo assim, por que encontramos dificuldades ao procurar por materiais adaptados para os surdos? Qual a contribuição que a história da surdez traz para a produção desses materiais? Existe procura por tais produções?

Proponho-me então a fazer uma sucinta análise da história *Cinderela Surda*, porém de acordo com a realidade dos surdos. Vale ressaltar que o trabalho em questão analisa uma obra literária recontada por diversas culturas e épocas.

O ato de contar histórias como marcas da sociedade demonstra que *a literatura seduz, diverte, desperta emoções, permite à criança refletir e sentir a necessidade de descobrir seu meio; conduz a uma outra percepção de mundo além daquele que conhece; conduz a uma apropriação lúdica da realidade* (SANTORO, 1994).

Nossas histórias, músicas e características dos costumes regionais formam o folclore único de cada localidade, grupo ou comunidade. A literatura vista como cultura regional é transmitida, na maioria das vezes, oralmente de forma que os detalhes podem variar entre os narradores das histórias.

No momento em que a ação do contar reverte-se em registro, admite-se a necessidade de qualificar o público para o qual essa produção será apresentada de modo a utilizar linguagem adequada ao leitor e coerente com as normas da língua originária.

Pensemos no conto *Cinderela* registrado por Perrault em 1697. O autor registrou *uma obra de pequena dimensão, uma coletânea de oito contos maravilhosos, oriundos do folclore*

nacional: *Histórias de outrora*. Transmitidos, essencialmente, pelas mulheres (...)⁴ o que nos remete a pensar que eram contos orais até o momento em que notável escritor optou por torná-los conhecidos mundialmente.

Originários, na maior parte, do folclore francês, os contos adaptados literalmente por Perrault não pertenciam de modo algum à literatura infantil, mas à literatura oral, sempre em movimento, destinada aos adultos dos povoados, e eram concebidos para o entretenimento noturno. A passagem dos contos para a cultura escrita implica um processo de transformação, paradoxalmente profundo e perceptível à primeira vista (PERRAULT, 2004: 17).

Os contos de fadas, como *Cinderela*, eram considerados pelos camponeses (grupo de predomínio no século XVII) o veículo de expressão da *dura realidade, mas também de sonhar e mudar de vida durante uma história* (PERRAULT, 2004:30).

Antes de registrar outras observações, convido-o, caro leitor, a aproveitar este breve instante de forma a conhecer um pequeno parágrafo da obra original de Perrault, traduzida da língua estrangeira o mais fielmente possível por Renata Cordeiro.

Era uma vez um gentil-homem que contraiu segundas núpcias com a mais altiva e soberba mulher que já se viu. Tinha ela duas filhas com o caráter igual ao seu, e que se lhe assemelhavam em tudo. O marido também tinha uma filhinha, de doçura e bondade ímpares. Isso lhe vinha da mãe, que era a melhor pessoa do mundo (PERRAULT, 1697: 121).

Chamo sua atenção para o português utilizado nessa tradução. A ver pelo trecho acima anexo, nota-se grande complexidade e elaboração da linguagem na qual o conto é apresentado. Fico então a me perguntar: Será que uma pessoa surda conseguirá ler e compreender todos os conceitos desse belíssimo texto? Haveria necessidade de alguém interpretar tais palavras? Infelizmente vejo que será preciso auxílio de outros para melhor esclarecer a linguagem utilizada pelo autor, mas esclareço que não somente o surdo precisará de ajuda, ouvintes com menor acesso a textos com tal característica também encontraram dificuldades. Deixo como sugestão a leitura do conto visto em sua plenitude no livro *Histórias ou contos de outrora* de Charles Perrault.

⁴ Charles PERRAULT, *Histórias ou contos de outrora*, p. 16.

Muitas são as (re)leituras da obra apresentada acima. Os Irmãos Grimm, por exemplo, escreveram novamente o texto de *Cinderela* modificando alguns detalhes e enriquecendo-o com conceitos mais ligados à natureza como a substituição da fada madrinha uma vez que:

Para certos povos, ela era vista como mensageira que viajava sob a forma de pássaro (...) onde este elemento mágico faz a ponte entre o humano e o divino, entre real e sobrenatural. Essa associação com a cristianização foi desaparecendo e a imagem de fada passou a ser associada à de mulher (OLIVEIRA, 2005)⁵.

Contudo, a versão mais conhecida pelas nossas crianças é, sem dúvida, a produção de Walt Disney que insere animais, canções, tramas e descobertas enfim, algumas mudanças em favor de maior aproximação aos desejos e encantos do público atual.

No entanto, será que alguma dessas versões do conto *Cinderela* exerce influência sobre as pessoas surdas? Certamente, porém essa influência pode aumentar diante de detalhes que revelem a proximidade com a realidade em que vivem.

Em se tratando da tão discutida diversidade cultural, é preciso respeitar as muitas formas de expressão de todo e qualquer grupo social ou comunidade. Dessas, destaco a literatura como veículo de propagação de cultura de modo que as diferentes obras literárias precisam ter espaço na sociedade.

O conto *Cinderela* de Perrault, reconhecido mundialmente por crianças e adultos, talvez não em seus detalhes primários, como outrora registrado, exerce grande influência sobre os leitores iniciantes uma vez que pertence ao acervo de literatura infantil. Muitas são, como já mencionado, as variações da história, mas uma delas, a que retrata fielmente a realidade das pessoas surdas, é pouco conhecida.

Proponho conhecermos tal obra por meio de algumas ilustrações que irão elucidar-nos sobre o que é importante para os surdos.

Meu objetivo nas linhas seguintes é fazer uma análise primária dos traços históricos da comunidade surda e sua expressão dentro do conto estudado. Para tanto, cabe lembrar que esta é uma obra infanto-juvenil e deve ser levada diretamente aos surdos independente do ambiente, mas, essencialmente, dentro da escola. Contudo, essa inserção do livro não deve ser feita apenas em escolas nas quais predominam os alunos surdos (instituições-escola), mas também nas escolas regulares ditas inclusivas uma vez que, acredito eu, é desejo de todos os

envolvidos no processo de educação sistemático que a consciência do multiculturalismo seja desenvolvida e respeitada afinal, como bem mencionam SKLIAR e LUNARDI (2000):

Nessa atmosfera multicultural de educação e análise curricular, é preciso resgatar na política educacional as culturas negadas e silenciadas no espaço escolar, não apenas referindo-se a elas como culturas isoladas ou constituindo currículo “turístico” (SANTOME, 1995). A possibilidade de construção de um currículo multicultural não pode ser concebida como uma simples convivência entre surdos e ouvintes, mas em relação a estruturas e práticas de poder dos ouvintes sobre os surdos (2000: 21).

Sendo assim, importando-nos ouvir e aprender a linguagem em que o próprio surdo faz uso a fim de nos mostrar e ensinar os caminhos para uma interação.

Considerando a existência do texto literário voltado para o grupo de pessoas surdas, GÓES (2000) mostra que, no âmbito escolar, a necessidade de conhecimento de tal produção tem influência sobre o aprendizado do aluno surdo uma vez que sua realidade é levada a todos e sua língua passa a ser respeitada, ou seja, *tendo em vista que o ensinar-aprender somente se dá na dialogia, a qualidade da experiência escolar dos surdos depende das formas pelas quais a escola aborda a questão da linguagem e concebe a importância ou o lugar das duas línguas.* (GÓES, 2000: 29).

Enfim, perceberemos todos os aspectos falhos ou dificultosos da efetiva comunicação entre surdos e ouvintes na medida em que atentarmos para as pequenas mostras e diferenças do conto que, superficialmente, aparentam ser simples detalhes figurativos.

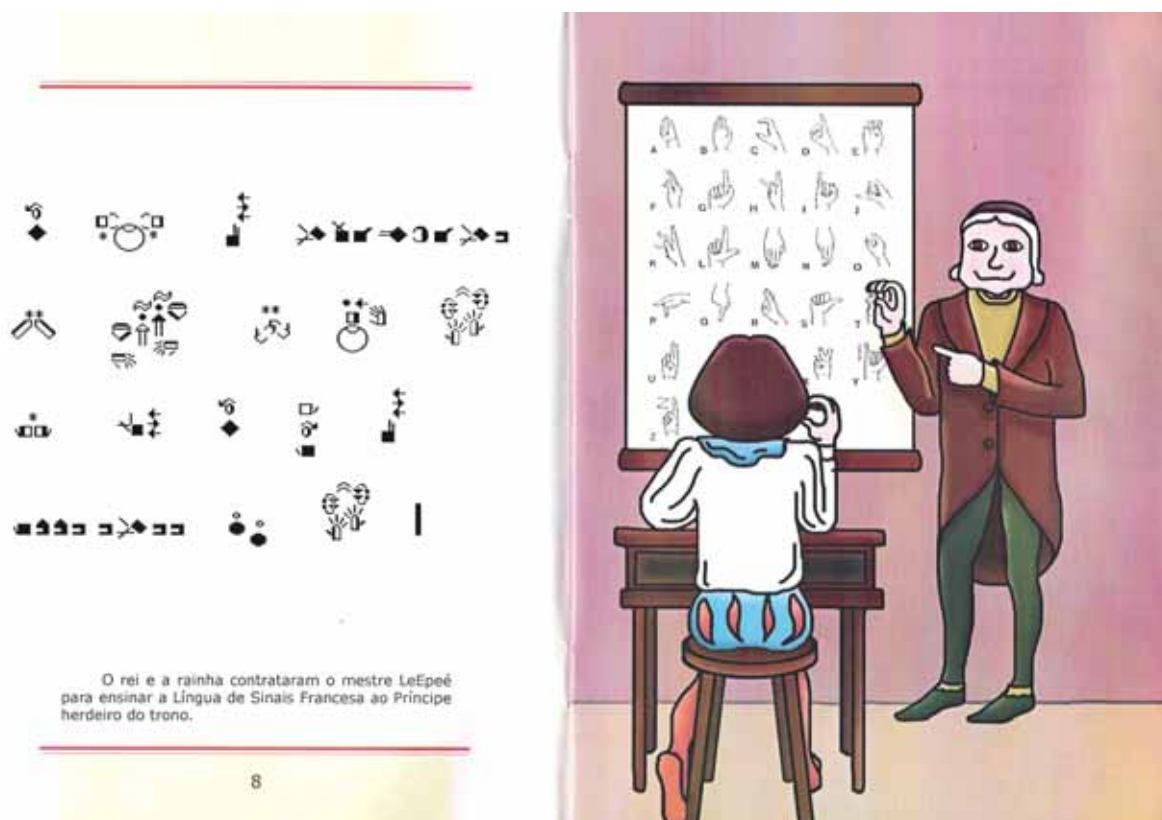
Como primeira diferença, notamos o fato de o príncipe ser surdo. Não é novidade o fato de Cinderela sofrer modificações estruturais uma vez que há necessidade da personagem principal percorrer dados caminhos sôfregos para depois alcançar a plena felicidade. Contudo, o príncipe surdo nos remete a repensar o estereótipo de surdez, retirando assim o mito de que surdo sinalizado é inculto e pertencente a uma classe social pouco abastecida economicamente.

Para melhor compreendermos esse aspecto, vale ressaltar que os surdos responsáveis pela publicação analisada são jovens de uma universidade particular graduandos e iniciantes em sua carreira científica através dessa publicação. Haja visto então, que esses jovens não são incultos e, mesmo que possam vir a ser mais humildes no sentido econômico, o fato não interfere em seus conhecimentos.

⁵ Para saber mais consultar URL: <http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/contosdefadas.htm>.

Ademais, sobre tal reflexão, resta-me citar *que fala e inteligência prática têm raízes distintas* (GÓES, 1999: 28) não sendo correto pensar no surdo como pessoa com menos inteligência, pois além do fundamentado acima, ele não fala por consequência do não ouvir.

Outro detalhe muito interessante sobre o livro é a referência que os autores fazem sobre a educação das pessoas surdas, uma vez que trazem ao conhecimento de todos o aprendizado do príncipe por meio do Abade L'Epeé que é um marco na educação dos surdos.



(Abade de L'Epeé iniciando o príncipe surdo aos sinais da datilologia usados para nomes e/ou palavras cujos sinais não são conhecidos pelas pessoas envolvidas)

Os outros contos sequer fazem referência sobre o grau de instrução do príncipe ou como ocorreu sua escolarização. Contudo, a diferença entre os textos não é o fato de ter ou não contexto educacional. A verdadeira análise da obra, nesse aspecto, gira em torno da necessidade de efetiva educação dos surdos no Brasil, uma vez que ainda estamos caminhando para alcançarmos eficiência nesse assunto de extrema importância. Nessa parte do conto, os autores mesclam real e imaginário, educação ainda em processo com educação eficiente.

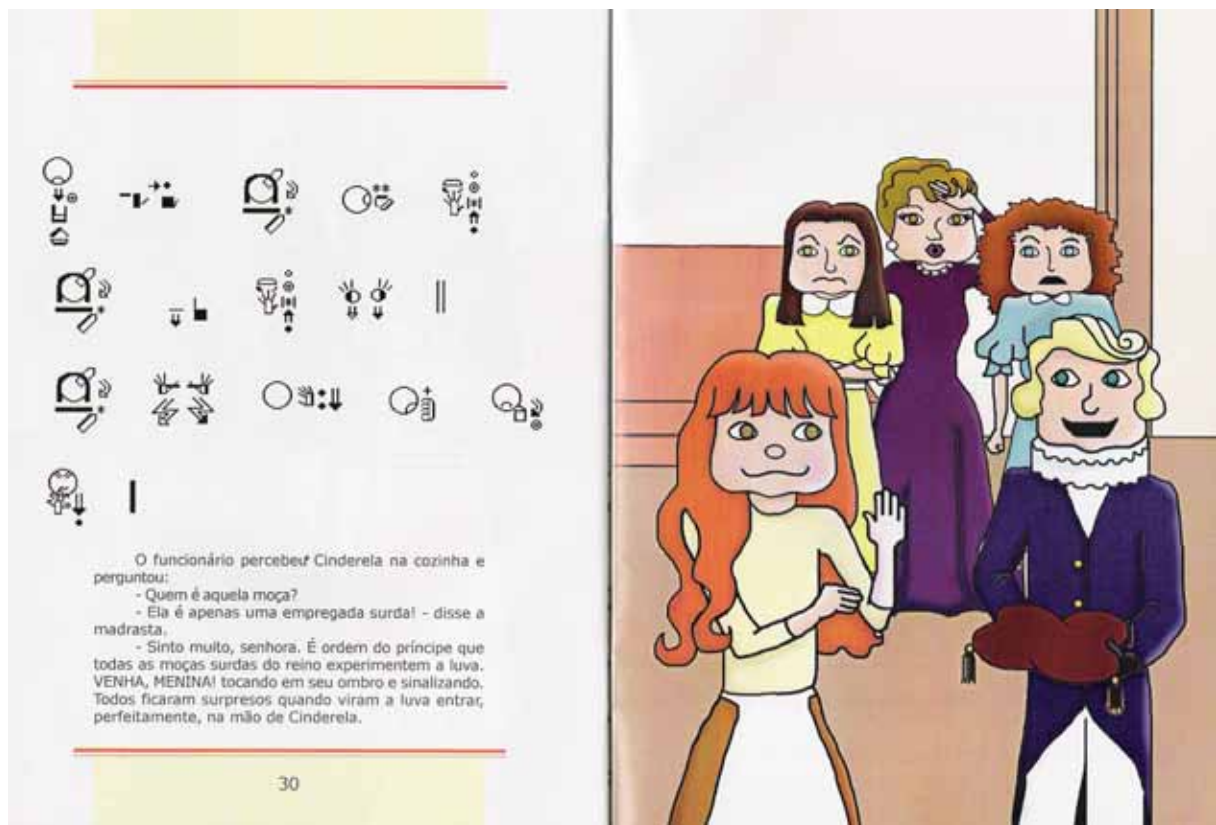
No conto, o que é ressaltado com muita propriedade e relevância é a comunicação. Por ser a linguagem o veículo de comunicação entre as pessoas, podemos notar a dificuldade encontrada por Cinderela e as irmãs em estabelecer um meio eficiente de entendimento de modo que acabam por fazer uso de muitos recursos, ou seja, a comunicação total⁶ que

propõe o uso de múltiplos meios comunicativos, através de recursos lingüísticos e não lingüísticos, combinando sinais, oralização, leitura orofacial, gestos, linguagem escrita, datilologia (soletração manual), pantonímia, desenho etc (Evans, 1982; Ciccone, 1990; Moura, 1993). É recomendado que esses recursos sejam ajustados às necessidades e possibilidades do aluno. Também se insere, nessas propostas, uma intenção de valorizar as línguas de sinais utilizadas pelas comunidades de pessoas surdas (GÓES, 1999:03).

Além disso, encontra-se no conto a realidade quase unânime da dificuldade da comunicação em situação de surdo filho de pais ouvintes uma vez que as crianças surdas, *ainda que não expostas a uma língua de sinais, desenvolvem bastante cedo um sistema gestual para se comunicar* (LEMOS E PEREIRA, 1996: 23). Porém, *a gestualidade é empregada tanto por crianças surdas quanto pelas ouvintes, na fase inicial de aquisição da linguagem* (GÓES, 2000: 14).

Como maior diferença do conto original e de grande relevância para essa análise, destaco o fato da fada ter dado roupas bonitas e, ao invés do sapato de vidro, luvas rosa. Sabemos que a língua de sinais é realizada através de movimentos predominantemente das mãos e, sendo assim, não teria sentido a jovem perder seu sapato, pois este jamais poderia identificá-la. A luva representa a língua dos surdos que apresenta-se no texto de forma extremamente marcante.

⁶ Para maiores esclarecimentos, consultar SÁ, N. R. L. de, Educação de Surdos: a caminho do bilingüismo. 1999: 99-104.



(A figura mostra a luva como indicador da pessoa surda: a luva revestindo a mão de Cinderela sem nenhum esforço, como se fizesse parte de seu corpo.)

Nos lastros das idéias do conto, podemos perceber que a identidade é a luva que representa a língua, pois assim como qualquer sujeito se constitui em sua língua, o surdo também o faz.

Então, luva em mãos, o próximo passo é identificar Cinderela pela diferença lingüística. Para os surdos, não existe deficiência no fato de não ouvir o que implica em uma diferença na língua e comunicação, afinal *a noção de identidades surdas sugere um cenário para as suas diferenças* (PERLIN, 2000: 26).

Continuando a interpretação, é importante destacar que o encontro de surdos, a conversa entre surdos é o momento em que a língua se propaga e trás, como referida no texto, extrema felicidade devido a dificuldade em encontrar local e grupo de pessoas ouvintes que compreendam o que os surdos querem dizer. No geral, as pessoas surdas conversam com ouvintes fluentes em língua de sinais quando vão a igrejas ou ambientes propícios a determinado encontro.



(As figuras mostram, respectivamente, a alegria ao conversar com pessoas falantes da língua sendo que, na primeira, Cinderela comunica-se com surdos que mantivera contato nas ruas de Paris e a segunda mostra o

Príncipe a estender a mão com finalidade de convite à dança no instante em que Cinderela sinaliza ser surda, como mostra a imagem, finalizando o sinal com o toque do dedo indicador no lábio.)

Sendo a comunicação o ponto alto desse trabalho, a Cinderela perde, ao se encerrar o tempo, o par de sua luva e jamais um sapato que, para os surdos, como dito anteriormente, nada significa.



(Cinderela a fugir, deixando nas mãos do príncipe, o outro par de sua luva.)

Dessa forma, essa literatura afirma a maneira como o surdo se insere nas relações sociais. É uma conceituação de minoria lingüística e não incapacitados lingüisticamente.

FINALIZANDO SEM CONCLUIR.

Como seres humanos, sempre teremos a necessidade de expor em nossas obras os mais profundos, intensos e segregados desejos, sejam eles de realização profissional ou pessoal, melhorias sociais ou simplesmente delírios mais que fantásticos.

Nesse ínterim, o trabalho teve como objetivo despertar nos educadores o interesse pelas diferentes formas culturais de expressão de modo a mostrar a diferença como identidade

retirando o estereotipo de deficiência sobre um grupo minoritário que utiliza uma língua específica a fim de expressar sua visão sobre a sociedade que os cerca.

Tal cultura diferenciada foi brevemente evidenciada a partir do conto *Cinderela Surda* que mostra, em palavras simples, a real necessidade dos surdos em relação à efetiva educação tal qual todos, surdos e ouvintes, sonhamos em vivenciar.

A comparação entre os contos Cinderela de PERRAULT e Cinderela Surda de HESSEL, KARNOPP e ROSA nos mostra quão específica é a linguagem utilizada por cada grupo no contexto de uma época.

Assim como o texto Cinderela Surda é pouco conhecido, até mesmo entre as pessoas surdas, o conto original de Charles Perrault também o é entre os ouvintes. Imaginemos então as muitas variações do maravilhoso conto apresentado. Muitos são os que conhecem a versão da Walt Disney, alguns conhecem os textos apresentados em coleções mais acessíveis, acabamos de conhecer duas versões belíssimas, enfim, muitos são os textos apresentados com o mesmo tema.

Sendo assim, deixo como sugestão, caro leitor, para mostrar que todos nos inserimos na história, uma versão de Cinderela escrita por Sophia M. B. Andresen (2000) que muito se assemelha com nossa realidade, independente se surdos ou ouvintes. A história modificada por notável autora portuguesa nos coloca face a uma realidade muito semelhante à vivida no Brasil, uma vez que as dificuldades sociais e os conflitos internos permanecem ao redor do mundo.

REFERÊNCIA:

ANDRESEN, Sophia de M. B., História da Gata Borralheira. In: **Histórias de terra e mar**. 19. ed. Lisboa: Texto Editora, 2000.

CAPOVILLA, F. C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**, Vol. 1 e 2: Sinais de A à Z. Ilustração: Silvana Marques. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

GOES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

_____. Com quem as crianças surdas dialogam em sinais? In: LACERDA, C. B. F. de. GÓES, M. C. R. de (org.) **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: LOVISE, 2000.

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. **Cinderela surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

LEMOS, C. de; PEREIRA, M. C. C., O gesto na interação mãe ouvinte-criança-surda. In: CICCONE, Marta, **Comunicação Total: introdução, estratégias a pessoa surda**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Presença da fada-madrinha nas versões do conto Cinderela**. Disponível em: <http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/contosdefadas.htm>. Acesso em: 26 nov. 2005.

PERLIN, G. Identidades Surdas e currículo. In: LACERDA, C. B. F. de. GÓES, M. C. R. de (org.) **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: LOVISE, 2000.

PERRAULT, Charles, **Histórias ou contos de outrora**. Trad. Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2004.

QUADROS, R. M. de. & KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SÁ, N. R. L. de, **Educação de surdos: a caminho do bilingüismo**. Niterói: EDUFF, 1999.

SANTORO, B. M. R., **Contando histórias, programando o ensino: a literatura infantil na pré-escola com alunos surdos**. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1994.

SKLIAR, C. B.; LUNARDI, M. L., Estudos surdos e estudos culturais em educação: um debate entre professores ouvintes e surdos sobre o currículo escolar. In: LACERDA, C. B. F. de. GÓES, M. C. R. de (org.) **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: LOVISE, 2000.

RAQUEL SILVA SOARES:

Pedagoga especialista em Educação Especial – PUC-
Campinas. Membro do Grupo de Estudos Surdos (GES) –
UNICAMP. Professora no Ensino Infantil.
raquel_ssg@yahoo.com.br
